

Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos

Rita Andrade¹

Resumo

A materialidade cultural presente nas roupas que vestimos, e a forma como ela tem sido negligenciada na historiografia de moda será o tema central deste artigo. Será apresentada uma metodologia para a interpretação de objetos que pode ser usada em estudos sobre tecidos e roupas cuja perspectiva seja a cultura material.

Palavras-chave

Cultura material, moda, análise de objetos, estudo de tecidos e roupas no Brasil

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. (Stallybrass 2000:13)

Há uma crença popular de que não se deve torcer roupinhas de bebês recém-nascidos antes de pendurá-las no varal para secar, sob o risco de o bebê apresentar cólicas gástricas. Aparentemente, haveria uma ligação entre o torcer o tecido da roupa e o corpo do bebê como se as duas coisas fossem uma só. A verdade é que não o são. As roupas têm sua biografia¹, uma vida social, cultural, política e mantém relações com outros objetos e com pessoas. Ao se relacionar com coisas e pessoas, as roupas produzem e ganham novas existências que são partilhadas especialmente através de experiências humanas.

Estudar objetos, como as roupas e os tecidos de que são feitas, exige de nós certas habilidades que diferem do modo de análise de outros tipos de documentos, como os textuais e iconográficos. Analisar um vestido não é o mesmo que analisar a sua fotografia, assim como não seria o mesmo

¹ Rita Andrade. Doutoranda do programa de História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestre em History of Textiles and Dress pela Universidade de Southampton, Reino Unido. Professora Assistente da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

analisar a sua descrição. O vestido enquanto objeto material, enquanto *coisa*, tem uma série de características que lhe são próprias, e cuja articulação constitui um artefato singular.

De certa forma, entender o objeto como singular pode confrontar a idéia de unicidade que encontramos muitas vezes na historiografia de moda. No caso de roupas produzidas em série, por exemplo, podemos aprender pela literatura e pelas fotografias que determinados tipos de vestidos ou conjuntos foram adotados maciçamente por mulheres de classes médias de todo mundo ocidentalizado. Esta aparente padronização do estilo de vestir não seria facilmente posta a prova, não fossem alguns indícios que poderíamos apenas encontrar no objeto, através da observação e da análise sistemática de um ou mais vestidos confeccionados à época estudada. Mas como adentrar por esse universo da materialidade da moda? Em quais portas bater? Quais portas abrir?

Foram essas perguntas que fiz quando, em 1995, me graduei bacharel em Moda pela Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo. Na busca por um curso especializado, iniciei a pós graduação *lacto sensu* em Museologia, que em 1996 era ofertado pelo então Instituto de Museologia da FESP – SP, onde soube da existência de um departamento de conservação têxtil no Museu Paulista, em São Paulo que havia sido estruturado fazia pouco tempo pela conservadora têxtil Teresa Cristina Toledo de Paula. Ali tive a oportunidade de estudar uma coleção inteira de luvas como parte de um estágio que realizei entre 1996 e 1997. Foi estudando aqueles cerca de oitenta pares de luvas que comecei a questionar a maneira como havia aprendido História da Moda na universidade.

A literatura me apresentara uma história unívoca tão perfeita, simétrica e evolucionista que não deixara espaço para entrever a *materialidade da moda*, muitas vezes confundida com a *imagem da moda*. Por materialidade entendemos um conjunto de elementos físicos que indiciam uma problemática histórica, a vida social e cultural de uma pessoa e sua sociedade ecoadas por seus objetos. Os objetos nos ajudam a entender como se processam as relações sociais, a vida, o cotidiano (Meneses, 1992: 8).

A diferença entre o objeto e a imagem do objeto ficou ainda mais clara quando iniciei o mestrado em história das roupas e dos tecidos em 1998 na Winchester School of Art, University of Southampton, Inglaterra². Recordo-me que na primeira aula nos foi apresentado um tecido retangular medindo em torno de 1,0 X 0,50 m de cor amarela e motivos florais multicoloridos e nos

foi pedido que o descrevêssemos contando, para isto, apenas com a nossa observação. Num primeiro momento, acreditei estar diante de uma réplica de um tecido do século XVIII, conclusão a que cheguei respaldada pelo reconhecimento das imagens estudadas em história da moda daquele período. Não cria ser o tecido original devido ao excelente estado de conservação em que se encontrava e esta segunda conclusão vinha da minha pouca experiência com objetos de museus, especialmente do Museu Paulista onde fui estagiária.

Aquela experiência me fez refletir a respeito da maneira como a moda é estudada, das dificuldades e das limitações que um pesquisador, um historiador deverá considerar para interpretar objetos como um tecido ou uma roupa, por exemplo. Não me pareceu, durante a observação do tecido que a história têxtil e da moda pudesse ser tão reducionista quanto aprender que a silhueta feminina na moda evoluiu da forma em S para a forma H e que tecidos devam ser percebidos e estudados como os papéis de parede, quer dizer, bidimensionalmente (talvez nem mesmo os papéis de parede o devam!).

A análise de um objeto como uma roupa, por exemplo, pode prover evidência da tecnologia de manufatura, uso de matéria-prima, modelagem e qualidade de acabamento de um determinado período histórico. Para que a roupa tenha um papel representativo dentro de uma pesquisa rigorosa, no entanto, é necessário que ela seja administrada como documento dentro de uma metodologia de pesquisa. A historiadora inglesa Lou Taylor afirma que não há como encurtar o caminho de 'leitura' de uma roupa se se pretende compreendê-la no seu contexto cultural ao invés de tentar encaixá-la em teorias pré-existentes (2002:13).

Apesar de criticarem a ausência de estudos sobre roupa na historiografia econômica e social da França e Inglaterra, os historiadores Ben Fine e Ellen Leopold (1993) ainda acreditam que o detalhamento minucioso presente na grande maioria da literatura em que a roupa é usada como documento histórico é absolutamente despropositado. Há uma crítica explícita por parte destes historiadores quanto ao trabalho *de curadoras* (geralmente, mas não sempre, mulheres) que descrevem cada babado e frufu das roupas. O que Fine e Leopold chamam de descrição excessiva das roupas, porém, é para Taylor (2002) e alguns de seus colegas como Lesley Miller (1993), Daniel Miller (1998) e Judy Attfield (2000) na Inglaterra, Daniel Roche (1994) na França, Jules Prown (1994) nos EUA, e Teresa Cristina Toledo de Paula (2004) no Brasil fundamental para que análises posteriores possam ser conduzidas com o propósito de evitar generalizações e perpetuar mitos tão presentes na historiografia de moda.

Mas como lidar com esta fonte inerte, aparentemente inanimada e desprovida de fala que são os objetos? Segundo a bibliografia (Barreto 1982/4, Durbin; Morris; Wilkinson 1990, Prown 1994, Horta; Grunberg; Monteiro 1999, Taylor 2002), quatro questões devem ser abordadas quando estudamos um artefato têxtil como um vestido, por exemplo:

1. Observação das características físicas. Trata-se de observar evidências internas ao objeto através da percepção sensorial, investigando o que se vê e o que se ouve, aprendendo a ganhar consciência de nossa conexão com o objeto. Para tanto, precisamos estar receptivos a esses estímulos perceptivos antes de passarmos para a etapa seguinte que exigirá mais de nossa percepção tátil.

2. Descrição ou registro. São desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas daquilo que está sendo estudado. No caso do vestido, o uso de uma fita métrica e máquina fotográfica (quando possível) pode ser de grande ajuda.

É recomendável que se comece por uma descrição mais geral do objeto para depois registrar sistematicamente os detalhes. O registro de alterações nas roupas, por exemplo, pode indicar sinais de tempo, como manchas, oxidação, etc., mas há sinais que podem ser indícios de interferências sociais e culturais e por isso, é iminente aprender a conhecer a biografia cultural específica das coisas (Taylor 2002:18).

Deve-se considerar ainda os motivos, estampas, padrões têxteis, bordados, cor, textura, brilho e volume, além de observar as articulações entre as partes que compõem este vestido.

3. A identificação. Este estágio no processo de interpretação de objetos depende muito da observação, mas acontece depois dela porque identificar exige um reconhecimento de materiais que nos são familiares ou não. Identificar implica o reconhecimento, associando material aprendido anteriormente com o que é percebido no objeto.

O detalhamento minucioso resulta, por exemplo, na datação de um vestido. Seguir qualquer tipo de pista para se chegar a uma identificação da data de origem de uma roupa é necessário para que se possa prosseguir com uma análise mais abrangente com relação ao contexto histórico e cultural deste objeto. O pesquisador deverá aprender a identificar materiais, construção, modelagem, corte, estilos, além de saber datar quando determinadas técnicas, como a costura feita à máquina, por exemplo, surgiram. A etiqueta de procedência da roupa poderá ser de grande ajuda para buscar indícios de sua fabricação e origem (Figura 2).

4. Exploração ou especulação do problema. Esta é a fase de levantamento de hipóteses, de discussão e questionamentos que resultaram da avaliação das etapas anteriores. É recomendável o uso da criatividade, a livre associação de idéias e percepções, considerando-se até mesmo aquilo que seja menos plausível (Prown 1994:137). Esse processo acontece mentalmente, mas deverá ser pautado pelos indícios observados e descritos do objeto para que não deixemos que nossos preconceitos e julgamentos interfiram de modo prejudicial na formulação de hipóteses.

5. Pesquisa em outras fontes e programa de pesquisa. Trata-se do desenvolvimento de um programa de estudo que partiu da análise de um objeto e expandiu-se pela formulação de hipóteses. Nesta fase o pesquisador deverá avançar para a leitura e uso de fontes escritas e iconográficas, externas ao objeto estudado. Poderá ainda valer-se do estudo de outros vestidos semelhantes ou datados da mesma época do vestido estudado com a finalidade de comparação e elucidação de aspectos observados e que se tornaram relevantes na problematização desenvolvida no processo de especulação. É imprescindível, no entanto, não abandonar o objeto inicialmente analisado para não incorrerem no erro de nos envolvermos de tal forma com a literatura e com as generalizações históricas para transformamos o vestido em mero espectro da realidade, utilizando-o como ilustração de nosso texto.

Além das etapas descritas acima, seria bastante recomendável considerar o contexto em que a roupa em estudo está sendo analisada. Uma vez que roupas tenham sido deslocadas de seu lugar de origem e recolocadas em coleções de museus, por exemplo, há que se considerar que houve uma seleção para que aquela roupa específica passasse a integrar o acervo de um determinado museu. Fora do corpo e do guarda-roupa que um dia a abrigou, aquela roupa viverá uma outra vida, se conectará a outros corpos e estará sujeita a novas interpretações.

Neste breve artigo, procuramos demonstrar que as evidências materiais de um objeto podem sugerir novas pistas que não estão presentes em outros tipos de fontes, como os documentos escritos e iconográficos. Além disso, acreditamos que priorizar a *roupa* como fonte histórica dentro de um trabalho de pesquisa é reconhecer, finalmente, o papel fundamental e central desta fonte na história e no cotidiano de artefatos têxteis e da moda. Apesar da dificuldade de acesso a estes tipos ainda incomuns de fontes de pesquisa, podemos aprender a tratar as roupas como documentos históricos e com isto poderemos não apenas estudar os materiais que fazem parte

dos acervos de nossos museus e coleções, como poderemos iniciar a cultura de conservação de nossa memória e história através das roupas e tecidos atuais. A reflexão a respeito do riquíssimo valor histórico que está naquilo que vestimos é um excelente caminho no estudo e na preservação do nosso patrimônio cultural brasileiro através das roupas e tecidos.

Notas

¹A idéia de uma biografia de objetos está em APPADURAI, Arjun (ed.). *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press, 2001 (1a ed. 1986).

² O nome original do curso é *MA History of Textiles and Dress*. Minha dissertação de mestrado foi publicada em forma de artigo na revista *Textile History* em 2004 (ver referências bibliográficas).

Referências

- ALMEIDA, Adilson José de. Indumentária e moda: seleção bibliográfica em português in Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.3, p.251-296, jan/dez. 1995.
- ANDRADE, Rita. 'A Roupas como documento histórico – uma nova abordagem em estudos sobre Moda'. In: *Espaço Crítico* (www.modabrasil.com.br), abril de 2001.
- _____. Louise Boulanger and Interwar French Couture: Revelations from Object Analysis. In: *Textile History*, v.35, n.1, May 2004, p.112-119.
- _____. Mappin Stores: Adding an English Touch to the Sao Paulo Fashion Scene. In: ROOT, Regina (ed.). *The Latin American Fashion Reader*. Berg, 2005, p.176-187.
- APPADURAI, Arjun (ed.). *The Social Life of Things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press, 1986.
- ATTFIELD, Judy. *Wild Things. The material culture of everyday life*. Berg, 2000.
- BARRETO, Maria de Lourdes Parreira Horta. Educação Patrimonial e práticas centradas no objeto ligadas à teorias da Organização do Comportamento, 1982/84
- Boletim temático 1: Indumentária. Museu Paulista, Universidade de São Paulo, v.1, n°1, 1996.
- DURBIN, Gail; MORRIS, Susan; WILKINSON, Sue. A teacher's guide to learning from objects. English Heritage, 1990. In: Apostila da exposição 'Formas de Humanidade' – *Treinamento para Professores*. São Paulo: MAE, Universidade de São Paulo, 1999.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras (et al). *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. 'Museus Históricos: da celebração a consciência histórica' in Como explorar um Museu Histórico. São Paulo: Museu Paulista, Universidade de São Paulo, 1992, pp.7-10.

MILLER, Daniel (ed.). *Material Cultures. Why some things matter*. Londres: University College London, 1998.

MILLER, Lesley Ellis. *Cristóbal Balenciaga*. London: B.T. Batsford, 1993.

PALMER, Alexandra. 'New Directions: Fashion History Studies and Research in North America and England'. In: *Fashion Theory*. Berg: 1997, volume 1, issue 3, pp. 297-312.

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. *Tecidos no Brasil: um hiato*. 2004. Tese (doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004.

PROWN, Jules. 'Mind in matter: an introduction to material culture theory and method'. In Susan M. Pearce (ed.) *Interpreting Objects and Collections*. Londres: Routledge, 1994, pp. 133-138.

REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. In: Anais do Museu Paulista: história e cultura material. São Paulo: Universidade de São Paulo, Museu Paulista, v.8/9, 2000-2001 (editado em 2003), p.281-292.

RIBEIRO, Berta G. 'Cultura Material: objetos e símbolos' in *Ciência em Museus*. Volume 2, outubro/1990, pp.17-26.

ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais. Nascimento do consumo séc. XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *The Culture of Clothing. Dress and Fashion in the Ancien Regime*. Cambridge University Press, 1994 (1ª ed. francesa 1989).

STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx. Roupas, memória, dor. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 2a ed.

STEELE, Valerie. 'A Museum of Fashion Is More Than a Clothes-Bag' in *Fashion Theory*. Berg: 1998, volume 2, issue 4, pp. 327-336.

TAYLOR, Lou. *The Study of Dress History*. Manchester University Press, 2002.